

Linguagem e relações de ensino

A linguagem em Paulo Freire

J.W. GERALDI

Aula Comunicação e Educação – Profa. Maria Nazaré da Cruz

Três sentidos possíveis

1. A linguagem de P. Freire - Língua/recursos linguísticos: modo criativo de articular a linguagem dos contextos populares com a dos contextos formais; marcas da oralidade.

Se juntarmos estes dois aspectos da linguagem de Paulo Freire, encontraremos mais uma marca de coerência: o fazer cognitivo não se afasta da vida, mas está preñado dela e somente nela adquire direção e sentido. Também seus caminhos epistemológicos não recusam o que teoricamente defende: o necessário diálogo com o outro e a ousadia da construção de um novo dizer sem qualquer medo das ordenações das gramáticas e dicionários que pretendem estancar os processos de criação linguística. E isto num meio extremamente hostil à oralidade: o meio acadêmico.

Três sentidos possíveis:

2. O discurso de P. Freire - Estruturação discursiva do pensamento: a narrativa que articula experiência e reflexão teórica.

Paulo Freire, como narrador, soube extrair da experiência seus conselhos, e seguindo seus próprios conselhos construiu uma teoria pedagógica, dela extraiu uma metodologia de trabalho e com todos compartilhou seus achados. Fez isso na forma da valorização da narrativa e se esta hipótese tiver algum significado será o de extrair mais um ensinamento da obra e vida de Paulo Freire: as verdades são gestadas nos processos de interlocução que tomam o mundo vivido como seu tema para dele extrair o conhecimento de experiência feito. Foi assim que nos legou uma obra. Para aqueles que querem ultrapassar o comentário, deixou-nos um exemplo.

Três sentidos possíveis:

3. A concepção de linguagem de P. Freire – Dialogia e alteridade: dialogia como espaço de construção do humano e a interlocução como essencial no processo de construção do pensamento crítico, da consciência.

Paulo Freire inúmeras vezes chama a atenção para a importância do processo comunicativo e para as formas da linguagem nestes processos. Ao defender que a leitura do mundo é anterior à leitura da palavra, não ignorou que o mundo é lido através de nossas compreensões e estas não se dão no vazio, mas na experiência social, no convívio com o mundo e com os outros: expressa-se em linguagem.

[...] para ele os processos interlocutivos, as interações sociais, e dentre elas as interações verbais, são essenciais na construção do pensamento crítico e, portanto, na construção das consciências.

Dialogia e alteridade: aproximações com Vigotski e Bakhtin

- O sujeito se constitui nas interações de que participa.
- Sem linguagem não há pensamento, não há atividade mental.
- Há uma indeterminação relativa (e uma dinamicidade) dos significados na linguagem.

Dialogia e alteridade: aproximações com Vigotski e Bakhtin

E aqui o sentido de «a linguagem em Paulo Freire» ultrapassa toda e qualquer perspectiva superficial: nós nos fazemos o que somos nas relações dialógicas que mantemos com a alteridade. Sem o outro, não há vozes. Sem o outro, não há ecos. O sujeito e o outro. Relações dialógicas que não se dão no vazio: são relações sociohistóricas, sobrecarregadas das condições de seu exercício, estando os interlocutores condicionados pelo caráter destes encontros que, não obstante suas determinações, são lugares e tempos de construção de novas condições. Sujeição e criação concomitantes, porque a dialogia se dá sobre o estável e sobre o instável da relação com a alteridade. É por isso que somos, numa voz, muitas vozes.